ANO 4.º LISBOA--TERÇA-FEIRA, 3 DE JUNHO DE 1924 N.º 967

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 30 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
ADMINISTRAÇÃO { Rua da Rosa, 57, 2. Telefone: 1:470 C.
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 48
TELEFONES { Direcção: C. 3:195 Redacção: C. 3:194
Endereço telegrafico: DIBOA

UM CONFLITO GRAVISSIMO

Os oficiais aviadores

recusam-se a cumprir

AS ORDENS DO MINISTRO DA GUERRA

O conflito suscitado entre o sr. ministro da Guerra e a Aviação Militar assumiu um aspecto de extrema gravidade.

A's primeiras horas da noite de ontem, corriam em Lisboa os boatos mais desencontrados sobre a atitude dos aviadores e de algumas unidades militares, ás quais se atribuiam propositos de solidariedade com os oficiais da 5.ª arma.

O boato mais insistente dizia que no campo de aviação da Amadora se estava procedendo a uma concentração de forças do exercito, dispostas a apoiar os aviadores no seu movimento de protesto.

Afirmava-se tambem—soubemos mais tarde que o boato não tinha fundamento—que o grupo de baterias a cavalo de Queluz tinha marchado sobre a Amadora, a fim de tomar parte num movimento militar contra o governo.

A's primeiras horas da noite foi dada ordem de prevenção rigorosa a todos os quarteis.

Entretanto, a vida da cidade decorria normalmente, não tendo sido alterada a ordem até á hora em que escrevemos.

O sr. ministro da Guerra, acompanhado dos seus ajudantes, conservou-se na sua secretaria até de madrugada.

Damos em seguida algumas notas colhidas pela nossa reportagem, durante a noite e a madrugada de hoje.

* * *

Na estrada de Carnaxide e nas imediações do quartel de artilharia, o serviço de vigilancia é rigorosissimo.

O nosso automovel pára diante de duas vedetas que nos apontam as carabinas e preguntam em som de guerra:

— Quem vem lá?

Declinada a nossa identidade, o carro avança até á porta do quartel, com sentinela á vista.

O major sr. Faria Leal, prevenido da nossa chegada por uma sentinela, acompanha-nos ao gabinete do comandante do grupo de baterias a cavalo.

O tenente-coronel sr. Joaquim Malheiros, rodeado por toda a oficialidade do grupo, declara-nos, em breves palavras, que recebeu ordem de prevenção rigorosa e que tomou todas as precauções para fazer cumprir essa ordem.

Quando lhe demos conta dos boatos que corriam em Lisboa, limitou-se a dizer:

—Só recebemos ordens dos nossos superiores legitimos. Faremos o que o comandante da 1.ª divisão nos ordenar.

* * *

No campo de Aviação da Amadora, onde chegámos de madrugada, conserva-se toda a gente nos seus postos. O serviço de vigilancia é mais rigoroso do que em qualquer outra parte.

O entrada no campo é defendida por vedetas colocadas ao longo da estrada e nas imediações do aerodromo. Um grupo de oficiais aguarda a chegada do coronel sr. Morais Sarmento, que se fez anunciar pelo telefone.

Dali a pouco, as cancelas abrem-se de par em par e o automovel do coronel Sarmento passa por entre sentinelas armadas, até á séde do comando.

* * *

Encontram-se ali todos os oficiais do grupo de esquadrilhas, os capitães Ribeiro da Fonseca e Dias Leite, de Tancos, e o major Cifka Duarte. A animação é grande entre os aviadores.

Nos corredores formam-se grupos, que discutem os acontecimentos e aguardam o resultado da conferencia que o coronel Sarmento está realizando com o major Cifka Duarte e o comandante Castro e Silva.

A' entrada do comando, as armas conservam-se ensarilhadas. Ha um certo nervosismo entre os soldados.

A certa altura, o major Cifka Duarte sai do gabinete e vai, por sua vez, ter uma conferencia com os aviadores.

Dá-lhes conta do que se passou e comunica-lhes a plataforma apresentada pelo coronel Morais Sarmento, que consistia em se considerarem todos os oficiais, voluntariamente, prisioneiros do comandante da 1.ª divisão.

O coronel Sarmento declarou que não ia em missão oficial, mas sim particularmente, como militar, no proposito de evitar um conflito lamentavel, que podia vir a ter as mais graves consequencias.

Recordou o que se tem passado em diferentes revoluções, dizendo que os oficiais se podiam entregar sem quebra de dignidade.

Depois de consultados todos os aviadores, o major Cifka Duarte voltou com a resposta: os oficiais resolviam manter a sua atitude até final, recusando-se terminantemente a obedecer ás ordens de outro director que não seja ele, Cifka Duarte.

Depois de vêr que os seus esforços eram inuteis, o coronel Sarmento pediu que o acompanhassem á Escola de Cintra, a fim de tentar uma nova *démarche*.

Entretanto, falou pelo telefone com o general Roberto Baptista, comandante da 1.ª divisão, a quem disse só estas palavras:

—Vou agora a Cintra. Vamos vêr se sou mais feliz do que fui na Amadora.

A's duas horas da manhã, acompanhado pelos capitães Ribeiro da Fonseca e Luiz da Cunha e Almeida, o automovel do sr. Morais Sarmento afastava-se em direcção a Cintra.

* * *

Na Amadora, entretanto, tudo continuava no mesmo pé. Um dos oficiais redigia o manifesto que deve amanhã ser lançado de avião, sobre a cidade, no qual os aviadores justificam a sua atitude perante as resoluções tomadas pelo sr. ministro da Guerra.

Esse importante documento assenta sobre as seguintes bases:

O ministro da Guerra originou um conflito com a Aviação, insinuando especialmente que:

a) A aviação pretende automoveis de passeio;

b) Os oficiais pretendem receber gratificações de vôo, sem voar;

c) Nas unidades de Aviação ha irregularidades e má administração;

d) A Aviação só serve para passeios;

e) Lavra a indisciplina na Aviação.

A aviação Portuguesa repelindo tais insinuações, afirma:

a) Nunca pretendeu mais do que um carro ligeiro, por unidade, para socorros medicos e só para isso, tendo proposto ao ministro da Guerra que esse serviço fôsse rigorosa e claramente regulamentado, de fórma a evitar abusos;

b) E' falso. Voar, voa-se sempre; o treino exige-o e os aviadores querem-no. O que a Aviação não quere, por vexatorio, é voar a tanto por hora, mas tão sómente ter um vencimento fixo;

c) Sobre irregularidades quiz o ministro atribuir-nos qualquer interferencia no credito aberto para a compra de aviões... Não compreendemos o alcance da insinuação. E' uma decisão ministerial de que aproveita a arma de Aviação e não nós, aviadores.

Em materia de má administração insinua o ministro haver responsabilidade do comandante da Esquadrilha de Tancos, no desfalque praticado pelo tesoureiro da mesma unidade.

Qual a responsabilidade de um comandante que pede repetidas providencias, no sentido de lhe ser dado para tesoureiro um oficial competente e merecedor de confiança, se esse oficial lhe é sistematicamente negado? Que ideia fórma hoje o ministro da probidade do capitão Ribeiro da Fonseca?

Não se recordará o ministro de que o capitão Ribeiro da Fonseca foi louvado em «Ordem do Exercito» por ter entregado nos cofres do Estado uma comissão de mais de 30.000 escudos que uma casa inglesa puzera á sua disposição e comercialmente lhe pertencia?

d) São os «passeios» dos aviadores que têm espalhado por todo os Paiz poucos campos de aterragem que sempre se têm feito sem a interferencia do governo.

São os «passeios» que constituem o melhor treino do piloto.

São esses «passeios» que tantos dos nossos camaradas têm pago com a vida.

e) Não, não lavra a indisciplina, e nesta hora de luta pela legalidade todos os oficiais se encontram absolutamente unidos e sob a mais rigorosa disciplina, ás ordens do unico chefe que reconhecem: o «Director da Aeronautica Militar, major sr. Cifka Duarte».

«Só quando o Chefe do Estado e o Parlamento entenderem, é que deixarei de ser ministro da Guerra» diz-nos o sr. Americo Olavo

O sr. ministro da Guerra que passou quasi toda a noite de ontem no seu gabinete —tinha partido hoje de manhã, por volta das 10 e tal, com os seus ajudantes, rua do Ouro fóra, conforme nos foi participado, ao chegarmos, esta tarde, ao ministerio. Mas se havia razões para a entrevista, essas razões, com a dificuldade, redobraram de força.

Quando voltámos ao ministerio tinha acabado uma conferencia no gabinete do ministro a que compareceram todos, ou quasi todos os membros do governo.

Recebidos amavelmente pelo sr. Americo Olavo, que se mostrava com a calma, a serenidade ministerial do costume, foi-nos dito por s. ex.ª o seguinte:

—Não ha motivo para boatos terroristas. O caso é bem simples, embora haja quem procure complica-lo.

—Os oficiais aviadores...

—Recusaram aceitar a plataforma apresentada pelo coronel sr. Morais Sarmento, mantendo-se na sua atitude... de lamentavel indisciplina.

—A exoneração do sr. Cifka Duarte...

—E' considerada pelos oficiais revoltados como inconstitucional. Se ha alguem de direito habilitado a reconhecer a constitucionalidade ou inconstitucionalidade das leis, esse alguem é evidentemente o poder judicial ou o parlamento. Nunca os oficiais aviadores...

—A situação...

—Está no seguinte pé: O sr. general de divisão intimou os oficiais aviadores, incluindo o major sr. Cifka Duarte, a comparecerem imediatamentel no quartel general.

—E eles...

—Ficaram de tomar uma resolução definitiva dentro duma hora.

—Se não comparecerem...

—Serão tomadas as providencias necessarias—na certeza de que serão respeitados os regulamentos militares, a que tenho que me cingir.

—Fala-se em adesões ao gesto dos oficiais.

—Não é verdade. O caso está restringido á Aviação. Ainda agora nos foi comunicado, pelo comandante da bateria de Queluz, que os sargentos da respectiva bateria, ao contrario do que tinha constado, se manteem na maior e mais nobre disciplina.

—Todo o governo está solidario com v. ex.ª?

—Creio bem que sim.

—Por conseguinte...

O sr. Americo Olavo entende bem onde queremos chegar e termina:

—Não estou aqui por gosto, por mero capricho, ou vaidade pessoal. Estou aqui para servir o país a a Republica. Porém, só no dia em que o Parlamento e o chefe do Estado entenderem que não devo continuar no desempenho do exercicio da minha pasta —retomarei o meu *fauteuil* de deputado. E com um gesto mais forte de decidida energia:

—Mas só nessa altura!

A língua

XXI

Gramática parda

De maior gravidade e de mais sério alcance que os caprichos e desconchavos cacográficos, a que mais de uma vez me tenho referido, são as incorrecções de frase, especialmente os chamados solecismos, porque ofendem essencialmente a constituição do idioma.

Por hoje, registarei dois ou três exemplos de gramática parda, colhidos casualmente na imprensa periodica dos ultimos dias.

* * *

E' sabido que o gênero dos substantivos diversifica muitas vezes, de nação para nação, como sucede com o *mar*, o *fim*, etc., que são masculinos em português e femininos em francês; e até dentro da nossa língua, através dos séculos, como sucede com o *planeta*, que já foi feminino, e com à *tribo*, que já foi masculina. Mas estas transformações são de responsabilidade colectiva; e, á parte os raros casos facultativos, como *a hélice*, ou *o hélice*, ninguem tem individualmente o direito de alterar o gênero das palavras, em detrimento da construção normal da frase.

E' de estranhar portanto que um excelente jornal tenha publicado a sério a seguinte frase:

—«O dinamite fez a sua carreira, desde que Ravachol...»

Há quem defenda a forma *dinamita*, de preferência á forma *dinamite;* mas o que ninguem ainda defendeu, nem defenderá, é que *dinamite* seja do gênero masculino.

Feminina é que ela é, até na maneira leviana, por que ás vezes se porta.

* * *

Num anúncio espaventoso, que deve ter custado vários escudos, reproduz-se o seguinte dislate, ainda maior que a despesa do anunciante:

«Relógios em oiro, prata e aço...»

E' a centésima edição de um disparate, que se reproduz a cada hora: *vestidos em seda, mobilia em nogueira, anéis em platina, pulseiras em filigrana...*

Chega a gente a envergonhar-se de que seja preciso dizer bem alto que nada daquilo é português.

Português é: *pulseiras de filigrana, anéis de platina, mobilia de nogueira, vestidos de seda, relógios de oiro...*

* * *

Um caso de errada colocação de pronomes:

—«... o qual, como noticiámos, entregou-se voluntariamente á prisão.»

O qual entregou-se não é linguagem portuguesa: é genuino brasileirismo, que os bons escritores brasileiros não praticam nem aceitam. Lá, ouve-se a cada passo e lê se ás vezes:

—Quem chamou-me?

—Me disseram que estavas doente...

—Creio que enganas-me.

Etc.

Esta especialidade brasílica deu aso a que Candido de Figueiredo publicasse um volumaço de 500 paginas, sob o titulo de *O Problema da Colocação de Pronomes*, de que já se fizeram quatro edições.

Mas nem só no Brasil se deslocam pronomes. E a prova é que na melhor imprensa portuguesa aparecem ás vezes casos como aquele: *o qual entregou-se...*

Em português diz-se: *o qual* se entregou. E quem quizer ver mais deslindado o assunto, pode folhear o citado livro... e dormir.

* * *

P. S.—Se alguem leu o anterior artigo desta secção ficou a ver navios do alto do fecho do mesmo artigo —«... como me disse um Michelet.»

Como se houvesse mais de um glorioso escritor francês daquele nome!

O que eu escrevi foi:

—«... como me disse um dia Michelet.»

Assim, sim.

C. S.

Pianos Alemães

das mais afamadas marcas. Grande sortido musical. A. Morais, Lda. Rua das Portas de Santo Antão, 128.

CIMENTO
«AUDAZ» e «TENAZ»
Qualidade garantida para trabalhos de responsabilidade
UNICOS DEPOSITARIOS:
MELLO DA SILVA & SEQUEIRA, LIMITADA
Rua Nova do Almada, 24-2.º D.
LISBOA
Telefone C.-587 Telegramas: *Melloseque*

CRONICA LITERARIA

O livro

"Mar dos Tormentos,,

do poeta

Antonio Ferreira Monteiro

Saiem continuamente livros de versos, o que não quere dizer que saiam continuamente livros de poesia. Estes bem raramente surgem nas montras, nas mesmas montras que exibem os Dantas de todos os tamanhos e feitios.

Pertence indubitavelmente ao numero dos livros de poesia, da boa, da sugestiva, da verdadeira poesia, o ultimo livro do poeta Antonio Ferreira Monteiro — *Mar das Tormentas*. E, porque pertence a esse numero, tem todo o direito de exigir da critica, da critica inteligente e honesta que, por ventura, exista, aquela atenção, aquele cuidado espiritual que sendo função de todos os bons leitores, o deve ser, em demasia, de todos os que pretendam conscientemente criticar.

* * *

O feitio poetico do autor do *Mar das Tormentas* ficou naturalmente indicado no seu primeiro livro.

As *Noites de Narciso* revelaram, na verdade, uma sensibilidade em luta, o acordar duma alma propicia a intimas analises, embora em versos não muitas vezes certos, não muitas vezes expressivos. Havia, naturalmente, nas *Noites de Narciso*, livro de estreia, além do que só era literatura, as falhas e as indecisões propriss de quasi todas as estreias —mas, contra isso, uma inspiração que não é facil encontrar e que, em sonetos como a *Lua de Tristeza*, atingia, num religiosismo, numa comunhão espiritual com a paisagem contemplada, um estado de alma melindroso, poeticamente humano—abstractamente divino!

Na *Misteriosa graça*, que se lhe seguiu, o poeta, aperfeiçoando-se em tecnica, deu estados de alma amorosos de diferente natureza e amplitude—mas conservando sempre a sua natural predisposição dramatica, como nessa admiravel *Melodia da divina tristeza*, poesia de alto sopro inspirativo, aquela que para a minha qualidade de ser poetica mais sugestões de beleza lhe sugere.

Vem, agora, o *Mar das tormentas* mais intensamente vincar a personalidade do poeta? Sem duvida que vem. Ha, no *Mar das tormentas*, abstraindo uma ou outra composição de menor segurança expressiva e onde poderão ser notadas algumas falhas de gosto estetico (mas não falhas de pensamento criador), uma supremacia intelectual, uma largueza de horisontes maior, uma interiorisação mais inteligente e completa.

Desde a *Sinfonia do Mar e da Alma* até á poesia final *Ajoelhemos*, o poeta traça um caminho que nos é agradavel seguir, embora sinuoso, embora ensombrado, cheio de abismos, cheio de tragicas apreensões—o caminho, emfim, largo e escuro da sua alma, debatendo-se.

Mar das tormentas é, duplamente, o proprio mar onde o poeta vê, como Byron e Baudelaire, reflectida, representada, encarnada a alma humana, no que ela tem de mais tragico e de mais profundo, e a propria alma do poeta, face a face da vida, mar das tormentas intimo, ecoando ritmos largos de inspirada poesia humana.

Prefiro, nesta poesia de entrada, verdadeira sinfonia de abertura, a parte final—aquela em que o poeta mais subjectivamente deixa falar a sua alma.

E abre-se mais — divina flôr agreste —
A ulcera que em mim sangra constante!...
—Homem, na terra és o judeu Errante,
Mas o teu reino, oh alma, não é êste!

Esta atitude sofredora, este choque violenta, para as sensibilidades dramaticas entre o mundo que se tem e o que se deseja ter, entre a realidade e o sonho, esta super-existencia desejada por todos os grandes artistas, eternos insatisfeitos do ideal, comum a todos eles, é a pedra de toque do lirismo dramatico deste poeta, revelada por diferentes processos, em quasi todas as composições do livro.

Essa atitude revela-se notavelmente, em forma e essencia, na poesia *Encarcerado*, para mim a melhor composição do livro — aquela em que o pensamento e a expressão, equilibrando-se, atingem a mais perfeita harmonia.

O estado asfixiante da alma humana — sofrido por todos nós que nos habituámos, por temperamento e educação literaria, a um além vida manifestado em continua anciedade, esse estado aflitivo de nos sentirmos presos em nós mesmos, quando as manifestações de vida que nos cercam são para a nossa alma torturada uma grande, uma infinita, uma universal libertação — o luar, os perfumes, o proprio silencio — ganha nesta poesia admiravel o seu mais belo sentido e a sua mais perfeita, harmonica, sugestionadora expressão.

O mesmo drama dado, no entanto, menos subjectivamente, na poesia *Ascenção e Queda*. O poeta subiu aos mais altos pincaros, aonde não chega o ruido baixo dos homens. Bebeu o *fresco ar das altitudes...*

Mas isso, afinal, não passa de um sonho, de uma bela, mas fugaz ilusão a mais...

O drama é o mesmo — mas no *Encarcerado* tudo se passa dentro da alma do poeta — a luta, o conflito é, por assim dizer, estatico; nesta, aparece, objectivamente vivido — tornou-se dinamico.

Os sonetos *Na Voragem, Noite da alma, Ahasvero, Palpebras descidas, A minha Dulcineia, Lacrimæ Rerum, Lacrimæ Dei*, para citar os que mais funda impressão me causaram, dão estados de alma de igual intensidade dramatica — magnificos retratos espirituais do poeta, cujo parentesco lirico, por sinceridade de temperamento, com Antero de Quental, é, no *Mar das Tormentas*, de facil reconhecimento.

O poeta mantem viva, no entanto, a sua personalidade, e só em espirito é que o seu lirismo se nos revela *anteriano*, pois quanto á forma, embora escultural e concisa como a de Antero, a sua arte depara-se nos bem sua, exceptuados alguns versos, cujo recorte vagamente poderá lembrar o recorte dos versos do admiravel pensador dos sonetos.

Esta feição *anteriana* da sua lira — a analise inteligente das emoções sofridas — faz com que muitas vezes não se nos comunique o entusiasmo criador do poeta, pois, como nos sonetos *Ás quatro estações*, uma demasiada preocupação intelectual prepondera sobre o resto, arrefecendo a atmosfera emocional — a grande, a verdadeira atmosfera da poesia.

Na *Trilogia da Tentação* destacada, pelo assunto, e pela realização, do resto do livro, mas espiritualmente, dramaticamente derivada da mesma fonte de poesia — o poeta sofre as consequencias psicologicas e morais dum acto luxurioso de posse, concluindo por esta verdade humana — tão certa desde o principio do mundo — de que somos um mixto de *luz ideal* e de *lama* — *Ariel est dans Caliban* — como Bataille literariamente afirmou.

* * *

Em resumo: que fica da leitura do *Mar das Tormentas?* Uma emoção perduravel de beleza poetica, provocada pelo drama duma sensibilidade que a inteligencia não desampara nunca, adivinhando-se para além das torturas sofridas, no longinquo esfumar dum ceu desejado, o erguer religioso de duas mãos, em atitude mistica de prece.

Antero sentiu o seu coração em descanso nas mãos de Deus — depois de muita luta, de muita duvida, de muito desespero.

O poeta do *Mar das Tormentas* — depois das vagas do seu alto mar — clama, como um naufrago salvo: *ajoelhemos!* E ficamos com vontade de ajoelhar.

Alves Martins

Aos medicos

Armario em ferro, envidraçado, com caixilhos em metal nickelado.

Marqueza para operações, mesa, suporte para irrigador e diversos instrumentos para cirurgia.

Vendem-se

Rua da Victoria, 69, 71

STORES DE MADEIRA

RUA DO SECULO, 140

Mundanismo

Aniversarios

Fazem amanhã anos as senhoras:

Condessa da Povoa, D. Maria do Carmo Nobre Abreu Peixoto e D. Maria Amelia de Castro.

E os srs.:

Dr. Eduardo de Castro e Almeida, Antonio de Saldanha, José Mateus de Almeida de Mendia, Nuno Infante de La Cerda (Sabrosa), Manuel de Melo Campelo e Francisco Santos Pereira.

A nossa festa

Devendo realizar-se dentro de alguns dias, no teatro S. Luís, uma recita de amadores, cujo produto se destina a favor do «raid» Lisboa Macau, iniciativa do «Diario de Lisboa», em que se fará «rèprise» da engraçada zarzuela chica «El Pobre Valbuena», pede-se a todas as senhoras e rapazes que tomam parte nos coros da mesma zarzuela, o favor de comparecerem ao ensaio que ámanhã, quarta-feira, ás 16,30, se realiza na rua do Alecrim, 46, 1.º, sob a direcção do sr. dr. Isidro Aranha. Esperam os organizadores que ninguem falte, a fim de se poder saber com quem se pode contar para a mesma recita.

Casamentos

Ha dias, realizou-se na igreja de Santa Catarina o casamento da sr.ª D. Maria da Ascenção Pereira, com o sr. Agostinho José da Costa, tendo servido de madrinha a sr.ª D. Judite Sampaio Antunes da Costa, cunhada da noiva, e de padrinhos os srs. Antonio Reque Rodrigues e Antonio Joaquim da Costa, irmão do noivo.

Celebrou o acto o rev. prior Bento Santos Nogueira, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Finda a ceremonia religiosa, foi servido na residencia dos pais do noivo um fino «lunch», seguindo depois os noivos para Cintra, onde foram passar a lua de mel.

Na «corbeille» via-se grande numero de valiosas prendas.

—Deve realizar-se brevemente o casamento da sr.ª D. Maria Emilia Gomes de Miranda, gentil filha da sr.ª D. Julia Gomes de Miranda e do sr. José Maria de Miranda, já falecido, com o sr. Miguel da Camara de Almeida e Vasconcelos (Alvaiazere), filho dos srs. barões de Alvaiazere, sendo o pedido feito ha dias pela mãe do noivo.

—Pela sr.ª D. Maria Henriqueta Plantier Martins Pedreira, esposa do sr. dr. José Miguel Roque Pedreira, foi ha dias pedida em casamento, para seu sobrinho o sr. Guilherme Plantier Martins, a sr.ª D. Amelia Augusta Roussado dos Santos, interessante filha da sr.ª D. Maria Adelaide Roussado dos Santos e do capitão de fragata engenheiro sr. Julo José dos Santos.

— Na quarta feira ultima realizaram-se os casamentos das senhoras D. Alice Morganstein Moreira e D. Laura Morganstein Moreira, gentilissimas filhas da senhora D. Ester Morganstein Moreira e do sr. Joaquim Sabino Moreira, respectivamente com os srs. engenheiro Joaquim Fernandes Alvares e dr. Ruy Lima Pereira de Melo. Por parte das noivas foram padrinhos seus pais; por parte do noivo sr. Fernandes Alvares, testemunharam o acto a senhora D. Laura de Gusman, e seu tio o sr. dr. Humberto Montenegro Fernandes, e por parte do noivo dr. Pereira de Melo, sua mãe a senhora D. Mariana de Lima Pereira de Melo e o sr. dr. Antonio Osorio.

O casamento, que revestiu grande solemnidade e brilho, efectuou-se em capela na residencia da noiva, com bençam papal, sendo celebrante monsenhor Gustevo Couto, que fez aos noivos uma comovedora alocução. Durante a ceremonia, que foi numerosamente concorrida, um sexteto executou a «Marcha Nupcial» de Mendelsschn, á qual se seguiram varios trechos de musica sacra.

Nas «corbeilles» das noivas, elegantemente despostas numa das salas, viam-se numerosos brindes, alguns de grande valor e gosto artistico.

Depois da cerimonia religiosa foi servido um primoroso «lanche» tendo-se dançado animadamente até a hora da partida dos noivos para o Estoril, onde vão passar parte da lua de mel, seguindo dali para o Bussaco.

— Após o acto civil, realizou-se na igreja de Santa Isabel o casamento da senhora D. Augusta Lopes Guerra, filha da senhora D. Adelaide Lopes Guerra e sr. Fernando do Nascimento Ferreira Dias, filho da senhora D. Laura Ferreira Dias e do sr. José do Nascimento Ferreira Dias, inspecter principal da C. P.

Foram padrinhos, por parte da noiva, sua mãe e seu irmão, o sr. Marcos da Fonseca Guerra, e por parte do noivo seus pais.

Na «corbeille» da noiva viam-se lindas e valiosas prendas. Foi servido um fino copo de agua em casa da mãe da noiva, partindo em seguida os noivos para o Minho.

Concerto Mantelli

Foi uma verdadeira noite de arte a noite de sabado no Salão do Conservatorio de Lisboa, onde se realizou a festa artistica da notavel professora de canto madame Eugenia Mantelli «De Angelis», em que tomaram parte os seus principais discipulos, que mais uma vez tiveram ocasião de evidenciar os seus meritos. Todo o programa foi fielmente cumprido, tendo as honras da noite a segunda parte do programa «Ballet d'Autrefois», magnifica pagina de Benjamim Godard, com letra de George Beyer, que foi brilhantemente interpretado pelas sr.ªs D. Ema Santos Fonseca e miss Mabel Potter.

Na assistencia, que enchia por completo o vasto salão, via-se grande numero de senhoras da nossa melhor sociedade que aplaudiram com verdadeiro entusiasmo todos os distintos amadores, assim como a sua notavel professora madame Eugenia Mantelli «De Angelis».

Recitas elegantes

No S. Luis

Na noite de quinta-feira, 5, realiza-se neste teatro um grandioso sarau de beneficencia, organizado pela Associação dos Trabalhadores de Imprensa, a favor do seu cofre, e cujo programa está sendo organizado com verdadeiro criterio artistico. Nessa noite, estamos certos, será ali que a nossa melhor sociedade dará «rendez-vous».

Pontos de reunião

Agenda

A nossa «élite» dará amanhã «rendez-vous», de tarde, na «matinée» do Salão Foz e, á noite, no Nacional, recita da moda, com a representação da peça «A hora de amor»; no Coliseu dos Recreios, segundo e ultimo espectaculo do Orfeon Academico de Coimbra e, no Cinema Condes, «soirée» da moda.

A's Senhoras

Capsulinas, para tratamentos varios, anemia, etc., sistema estrangeiro
Calçada da Estrela, 13, 1.º Esquerdo

LITERATURA

Do livro "A Estrada de Santiago,,

de Aquilino Ribeiro

extrahimos uma das passagens ineditas

publicada na terceira edição, agora vinda a lume

«A meio das danças, por desfastio, alguns rapazolas do lugar desataram em lutas de fortaleza. Mas eu puz-me ao largo, que a tais provas não me era dado dizer: «presente...» no intimo admirando uns, chasqueando de outros. E, estavam eles jogando a barra, quando apareceu o arganaz dum homem — peito em aduela, cachaceira de boi, cara de poucos amigos — a ensarilhar a racha com tanta gana e fantasia que nem doi do-varrido a perseguir mosquitos á paulada. E, com grande alarde, desafiava o mais pintado para o jogo do pau, a perder ou ganhar uma moeda

A' minha banda, o Faustino celebrava as artes do meliante:

—Isto é um varredor de feiras temivel. Está para nascer o primeiro que lhe faça sombra.

De facto, pelo corpanzil, pela basofia, parecia faia de respeito. Era tambem um dos dançarinos e, logo de principio, lhe tomei azar, porque, quando nos rodopios da chula á Rita calhou dar a volta com ele, usou dum espalhafato, mostrou tão bácoramente a dôr de cotovelo de a ver bailar comigo, que até a mocinha se magoou, quanto mais eu. Se fôsse na minha terra eu lh ensinaria a ser mais composto e bem educado com quem lhe não causara detrimento. Mas ali acal mei me e deixei correr.

—Então ninguem se sente com alma de ganhar uma moeda? Olhem bem: é ouro de lei! — e no cimo do pau, que era plano e bem aparado, passeava debaixo dos olhos dos parceiros uma dessas peças de D. João V, que já eram ra las ao tempo, e hoje só se usam ao dependurão das correntes, por galhardia.

Todos, homens e rapazes, chalaceavam com ele, celebrando o, não pondo acanhamento em se declararem seus subalternos na destreza e no poder.

—Já que ninguem se tenta, torna para o saco! — e, puxando da algibeira, ao tempo que fazia menção de guardar a moeda fingiu que dava com os olhos em mim e acrescentou:

—Em você, seu homem, não se fala... *Bailão, maricão*!

Estive um momento sem lhe poder tor nar resposta, sufocado com raiva, até que lá atinei com estas palavras:

—Se não fôsse nesta terra, e ha casa honrada onde me encontro, você havia de engolir a bosteira. Aqui só lhe posso dizer que estou pronto a medir o pau consigo. Aposta uma moeda; eu se ganhar não lh'a quero; manda-me assim proceder o respeito que devo a este amigo. Mas se perder, perdida tenho a moeda, que é dinheiro — juro-o pela salvação da minha alma — que nunca mais nos meus haveres conta.

—Pois seja lá como quizer. Tem pau?

—Tenho pau.

Fui buscar o lódão e pude dizer á Rita, que me seguira e estava branca como a cera:

—O' menina, empresta me uma navalha? Uma faquinha que seja...? O prin cipal e que córte bem...

Fitou-me ela muito nos olhos, mas eu sossegueia rebatendo lhe com boas razões o pensamento errado:

—Esteja descansada, que não é para mal. Vai ver.

Deu me um canivete, meti-o no canhão da véstia, e fui para o homem:

—Cá estamos.

O pau dele era um nadinha mais alto que o meu, o meu um pouco mais grosso que o dele, o que era uma segunda desvantagem nisto de florear gentileza. Mas tão pouco aceitei que se tirassem á sorte os paus como se cortasse o cibo a mais no dele. Riscou campo o valentão, por prosapia, que tal não é de moda, e logo ele se foi postar em guarda, pau a escorregar para a perna esquerda, mão nele á devida altura. No terreiro, havendo estacado as danças e a zanguizarra, formavam todos em roda.

A' minha mão direita estava Rita, mais tremula e inquieta que o vero Anjo da Guarda. Relanceei uma ultima vista ao basófio — pulsos mais grossos que os meus, estatura que se avantajava á minha uma boa mão travessa, o sorriso — Deus louvado! — mais fingido, sobre o amarelo, e á voz: *é uma! é duas! é três*! só armei para receber o pimpão que caia sobre mim de pancada alta. Varri o golpe e,a tentear lhe o manejo, comecei a parar com brandura, como a mêdo. Mesmo assim, do meu lugar não arredava tanto como a grossura dum vintem. Ele não ladeava, curveteava, dava tais saltos e piruetas que as pernas lhe pareciam um compasso en diabrado. Certifiquei-me do seu jogo, que era impetuoso, mas de pouca astucia; e, sempre em posição de defeza, deixei-lhe quebrar o arreganho, embora me custas se uma pancada de esfarrapão no ombro direito e um arranhãozito no pulso, em que ninguem fez reparo Para os que estavam, sem duvida que a superioridade era dele, pois me vinha inquietar no meu campo, e ali me mantinha encurralado como a gato, no poleiro, a dentuça dum sabujo. E até os olhos de Rita se me afiguraram desenganados.

Gastámos uns minutos naquela léria tau-tau, tau-tau, até que lhe vi o folego azougar na gargante. E então, coube me a vez de atacar. Ao jogo dele, sempre alto e largo, todo de rópia, opuz o meu, baixo, curto e todo de rapidez. E — notei — tão imprevisto lhe era que, se quizesse aos primeiros passes despachá-lo com uma pontoada, fazia o tão certo como ter sido meu mestre nesta arte o maior jogador do Minho. Os olhos de Rita alegravam-se e isso me dava — não animo, que tinha para dar e vender — mas sangue frio e vontade para levar a bom termo a desafronta que scismara.

Tau-tau, a defender-se duma pancada ao ombro, deixou me pular até ele e limpei-lhe o primeiro botão *o rei*, sem ninguem dar por isso a tempo de varrer a resposta que me mandava á cabeça. Todos poderiam notar — ainda os ignorantes no jogo — que os contra-ataques dele me forneciam campo cabonde a assentar lhe um golpe de escacha, se me apetecesse. E, estranhos á minha traça, tinham por bizarria o que era refalsada manha. Mais dois botões, *capitão e soldado*, foram á viola, tão calados e cerces como o primeiro. E, racha contra racha, continuámos estreloiçando. Parecia-me agora que, ainda arrogante, pois não recebera de mim, seu contrario, golpe que se assinalasse, na cara se lhe espelhava um certo luaceiro de desespero, destes luaceiros baços da agua chóca, nas noites de quarto. Coitado, se fôsse deveras, estava ha muito a fazer estrume no meio do inferno!

Soprava ele como um toiro; obrigado a ter firmeza nos pulsos, pois o alarve o que se propunha era acabar e atirava á valentona, comecei a soprar tambem. Foi numa dessas arremetidas, quando o pau dele, vergastado pelo meu, rodou largo e desceu adormecido, que degolei o quarto botão, *o tadrão*. E obra com asseio; ninguem viu. O colete tinha cinco botões, faltava me o ultimo, *o segundo rei*. Mas ele estava fulo e já a baba lhe acudia aos cantos da bôca. Eu cá, estava em jurar, guardava o mesmo ar que sempre tive e hei de ter, até na benta hora em que a morte me leve. Mas, dentro de mim, sentia os espiritos mais inflamaveis que polvora.

Como o machaçaz continuasse a despedir-me pauladas á mão tente, mandei lhe, tambem, uma, dissimulada, destas que não fazem rumor, e só dá contas delas quem as rilha. Foi á ilhargá, e logo ele percebeu que se não virasse de folha tinha mais pano de amostra. E, de facto, dali em diante foi mais ordeiro. Já não dava a escaqueirar me a tola, mas como quem com um cacete quere partir um ovo, sem o perder para a gemada. E eu pude ultimar a partida, rapando-lhe o ultimo botão, com mais mandinga e disfarce que no jogo da vermelhinha.

—Bastará? — pronunciei eu, pantufando-me em meia defeza.

O homem aprumou o pau e, encostando-se a ele, limpava da testa o suor.

—Vivam os valentes! Vivam — clamavam em tôrno de nos. — Não ha vencedor nem vencido!

—Alto lá — bradei — ha vencedor e vencido, ou adeus consciencia em Portugal. Olhem bem!

Olhavam todos para mim, olhavam, depois, para ele e não percebiam.

—Abotoe lá o colete, parceiro — tornei eu para o matassete. — Abotoe, que o traz desabotoado...

O fanfarrão ia a fazer o que eu lhe indicára, mas, como não encontrasse os botões, primeiro ficou de bôca aberta, depois fez-se verde como as azeitonas antes de começarem a pintar.

—Não se aflija, eles hão de aparecer e pregam-se; á falta de tesoura, faca tenho eu para tirar as linhas; mande vir a agulha — e, ao tempo que isto dizia, deitado entre o pulso e o canhão da véstia, mostrei o canivete que limpára os botões.

Ficaram todos suspensos quando vieram ao conhecimento completo da façanha. Uns garotos deitaram se de burrinhas a procurar os botões, e alguns achando, mostravam-nos de mão erguida, em grande algazarra. O homem não sabia onde se meter, e eu, mais por vénia áquela gente, que por brandura de animo, desatei a rir e disse-lhe em bons modos:

—Vê que não sou so bailão!

O homem que estivera um bocado sem saber o que mais lhe convinha: se fugir, se atirar-se me ao gasnete, se deixar correr o marfim, saiusse pela porta mais natural, e de certo, a melhor, dando o braço a torcer:

—E' a primeira que tal me acontece! Caramba, você era capaz de vencer o proprio Mafarrico!

Dava me a moeda, rejeitei-a sem palavras de agravo. E, como eu lhes parecesse cordo do génio a bem, e levado da breca quando me puxassem a terreiro, como a proeza não era pão nosso de cada dia, dali por diante fui mais festejado que o rabequista. Quando tornei a navalha á pequena, vi lhe uns olhos tão lanzudos e tão humidos, que a suspeitei de ter chorado por mim, ter chorado, quem sabe lá, se de alegria. Mas eu só lhe soube apertar as mãos que tremiam

Ricos tempos em que era capaz de tais áfricas, ricos tempos! E a terra seja leve ao Chico, pedreiro, de Ermezinde, que veio da sua terra para a nossa fazer casas e, começava eu a espigar, ia para traz do cemiterio ensinar-me a jogar o pau! A terra lhe seja leve que, graças a ele, pude varrer uma desfeita com brio! Era a alma dum jogador! Quatro homens a atirar-lhe pedras, umas sobre outras a chover, e ele parava as pedras só com o pau. A tanto não cheguei eu, mas o mestre não perdeu comigo o tempo todo, haja em vista o colete do homenzinho de Santa Eulalia, que ficou varridinho como uma eira!

Coitado, por fim, quasi tive pena dele, de o ver lançado ao desprezo e eu mais apageado que um heroi que voltou da Africa de bater os mouros. O que é certo é que depois daquela minha avaria o danso não pegou mais Bem sarrafulhava o arco na rabeca, bem tiniam os ferrinhos; todos me queriam á sua banda, a beber da mesma caneca. O Faustino, esse, pegou em mim ao colo e, meio pingueiro, gritava:

—Um homem que trata bem a outro sem nunca com ele ter tido *pacta*, se não fôsse valente ficava o a dever. Nunca eu me enganei com este moço. A minha casa é dele. Tudo o que tenho é dele. Se gostar da minha Rita, dou lh'a; não haja duvidas, dou-lh'a!

Soltavam todos grandes sorriadas e tambem eu, maneira de quebrar o estranho daqueles ditos, proferidos, é bem certo, de grão na asa; mas eu bem via a mocinha que não mostrava cara de zangada e reconhecia na voz do Faustino o tom que tem a sinceridade e não o gracejo ou o fingimento. E tanto assim que, vindo outra vez dar me de beber, em voz alta repetiu:

—Há de me agora aqui dizer: gosta de minha filha?

—Gostará ela de mim? — retorqui eu rindo muito.

—Ha de gostar. Olhe que anda a rapaziada de três aldeias, doida lamechas, a cheirar lhe as fraldas Ali onde a vê, toda risota, não é menina para dar trela a gerifaltes.

Rita escondia o rosto com o lenço, a sorrir muito; e, a sorrir, por debaixo do lenço, me deitava um travesso e faigueiro olhar.

Desfez se a festa, os noivos foram fazer sua segada, da gente cada um debandou para seu canto. E, quando eu esperava que o Faustino me fôsse medir o azeite, ouvi-lhe dizer:

—O amigo hoje não se vai embora. A'manhã é domingo, não se trabalha. Dorme cá, pois lhe quero mostrar as minhas fazendas...

AQUILINO RIBEIRO

AGUA

Previsão de aguas subterraneas
Sondagens de pesquiza
Poços e galerias por processos economicos
Poços artesianos
Conductas e depositos

NOTAVEL ESPECIALIDADE da Sociedade Portuguesa de Engenharia, L.da — Rua da Palma, 161, 1.° — LISBOA

OLEACIDIMETRO "LABOR,,

Aparelho para determinação rapida da acidês total dos azeites, expressa em acido oleico

ESTABELECIMENTOS ALVARO CAMPOS

103, L. Duas Egrejas, 1.°

Tel. 1017 C.

POLICLINICA DA RUA DO OURO

JA ABRIU

Clinica medica—Dr. Armando Narciso—A's 4 h.
Cirurgia geral, operações—Dr. Bernardo Vilar—4 h.
Rins, vias urinarias—Dr. Miguel Magalhães—10 h.
Pele e sifilis—Dr. Correia de Figueiredo—4 h.
Doenças nervosas, electroterapia—Dr. R. Loff—2 h.
Doenças dos olhos—Dr. Mario de Mattos—2 h.
Doenças das crianças—Dr. Cordeiro Ferreira—2 h.
Garganta, nariz e ouvidos—Dr. Mario Oliveira—12 h.
Boca e dentes—Dr. Armando Lima—10 h.
Cancro e radio—Dr. Cabral de Melo—4 h.
Raios X—Dr. José de Padua—4 h.
Analises—Dr.ª Helena Calado e D. Gabriela Beato—4 h.

STORES DE MADEIRA

RUA DO SECULO, 140

— O TEMPO —

Situação geral ás 7 h. de 3: Depressão na Escandinavia 749mm com tendencia a deslocar-se para NE. Zona de alta pressão nos Açôres 771mm. Pressão em Lisboa 762mm. O barometro desce no N das Ilhas Britanicas, na Islandia, N da Escandinavia e Marrocos e sobe no resto da Europa.

Tempo provavel em Lisboa no dia 4: Bom tempo, vento L ou NE fraco.

A Cidade

ESCOLA MODERNA
DE ESCRITA Á MAQUINA
R. do Arco do Bandeira, 231
LISBOA

Chá das cinco

Rapto de crianças

Os leitores já sabem que foram raptadas, em Madrid, por facinoras até á data desconhecidos, três crianças de sete, oito e dez anos de edade.

De nada têm valido as lagrimas das mães angustiadas, nem as suas orações, nem as suas promessas aos santos de devoção. As pequenas não aparecem.

A policia madrilena, que tão rapidamente deitou a mão aos bandidos do expresso de Andaluzia, vê-se em palpos de aranha para conseguir socegar a vivissima dôr maternal das pobres mulheres a quem, em pleno dia, arrebataram as filhinhas, quando descuidosamente brincavam perto das suas residencias.

O misterio do triplice rapto continua Indesvendavel.

E não se diga que a investigação anda á espera do acaso para pôr a ferros os criminosos. As suas diligencias têm sido incansaveis — exageradas até! Tão exageradas, que quem hoje demonstrar nas ruas de Madrid a sua amisade pelas crianças, seja afagando-as, seja dando-lhes dinheiro para bôlos, seja oferecendo-lhes rebuçados — é preso como suspeito de raptador. Muitas dezenas de madrilenos têm transitado já pelos calabouços, por manifestarem publicamente a sua amisade aos pequeninos. Reconhecido que não são pecadores, a policia restitui-os á liberdade — mas já não pode indemnisá-los do vexame que lhes fez sofrer.

Vivemos num tempo em que é preciso ter muito cuidado com todos os nossos actos, até com a exibição dos sentimentos bons.

Felizmente, em Lisboa, não têm sido roubadas crianças. Se entre nós se tivesse registado um crime semelhante ao de Madrid, já o sr. dr. Bernardino Machado estava preso ha muito tempo...

Sarmento Duque

MIRANDA & FILHOS
JOALHEIROS
50 — CHIADO — LISBOA

Quem mais barato vende

e quem por melhor preço compra joias, ouro e prata, é a OURIVESARIA-JOALHARIA de

A. PIRES, L.DA

Rua Eugenio dos Santos, 61

Telefone N. 4918

Alvaro de Andrade

O lar de Alvaro de Andrade, distinto secretario da redacção do *Diario de Lisboa* e camarada querido de todos quantos trabalham nesta casa, foi hoje abençoado por uma nova alegria — o nascimento duma filhinha robusta e linda.

A Alvaro de Andrade e a sua esposa, que se encontra felizmente bem, apresentamos felicitações sinceras, envoltas num grande abraço.

Simão da Veiga

Do distinto cavaleiro Simão da Veiga (pae) recebemos uma carta que por absoluta falta de espaço só publicaremos ámanhã.

ESTUDANTES

O concerto DE HOJE no Coliseu dos Recreios

do Orfeon Academico

e o que nos diz o professor Quintanilha

O sr. dr. Aurelio Quintanilha é já hoje, apesar da sua mocidade ou talvez mesmo por ela, um dos naturalistas portugueses dignos deste nome, professor de Botanica na Universidade de Coimbra, que, pelo saber e o muito valor pedagógico, se impõe á consideração de quantos zelam pela nossa alta cultura.

Encontrámo-lo na estação do Rocio, ao apear-se do rapido.

— Em Lisboa?

— Como vê...

E o ilustre professor declarou-nos que viera expressamente para cantar com o orfeon de Joyce:

— Pertenço á velha guarda dos cantadores de Coimbra, desde esses luminosos tempos de 1909. Ainda cá estou e estarei.

Surpreendeu-nos um tanto que o dr. Quintanilha, professor, acamaradasse com os estudantes de Coimbra; não porque achassemos essa camaradagem inutil, mas justamente porque ela nos pareceu de um grande alcance que ligeiramente foge aos velhos costumes de Coimbra.

— Pelo que vemos — dissemos — lentes e estudantes convivem largamente.

Explicou-nos o sr. dr. Quintanilha que não é bem assim:

— Olhe, do Orfeon fazemos parte três professores assistentes: Maximino Correia, da Faculdade de Medicina, Manuel dos Reis e eu, da Faculdade de Sciencias. Mas a colaboração de mestres com alunos tem de ser mais completa. Ha muito tempo que sou partidario dela: e entendo mesmo que a Universidade não pode desempenhar plenamente a sua missão de cultura, se não estreitar o convivio dos que dum lado aprendem com os que do outro ensinam — o que, demais, é uma maneira formal de repartir as escolas. No fundo, todos têm que aprender e que ensinar a um tempo.

Do que nos disse o sr. dr. Quintanilha, que largamente explanou a sua tese da vida escolar, muito ficará, com certesa, por explicar aos leitores. Lembram-nos, comtudo, os seguintes pontos notaveis: O distinto professor, considera principal na iniciativa de Joyce, a grande possibilidade de entendimento entre os diversos cursos, a ligação solidaria de lentes e alunos — como já salientara — e ainda a chamada dos que já se formaram a uma confraternisação com os novos, de que ha de nascer uma consideravel força de apoio ás iniciativas de superior cultura.

E repare v. na contradição irrisoria — diz o dr. Quintanilha. — A instituição que nos ultimos quinze anos mais profundamente tem feito sentir a sua acção educativa, quer social quer artistica, adentro da Universidade de Coimbra, não teve ainda aquela forte ajuda da Universidade, traduzida em actos de verdadeira politica pedagogica, que faria do Orfeon de Coimbra um orgão inteiramente poderoso de irradiação mais certa e mais segura. E' obra de um simples particular, o orfeon sem nenhuma situação oficial universitaria.

Simplesmente Antonio Joyce soube ser, desde o seu 2.º ano juridico, uma pessoa com todas as qualidades de chefe, que, menos carecidas do reconhecimento oficial, se impuseram a todos os estudantes e quasi a todo o país.

Tivemos de interromper o sr. dr. Quintanilha nestas suas razões, inteirados delas, queriamos saber a sua impressão de mestre e velho orfeonista com respeito ao actual côro de Joyce e da sua ida a Paris.

João Pais de Almeida e Silva, ensaiador dos 2.os tenores; Vitorino Nemezio, membro da direcção; Augusto Pais de Almeida e Silva, membro da direcção; José Pais de Almeida e Silva, ensaiador dos baixos

Carlos de Campos Rocha, agregado á direcção; Manuel Valerio, ensaiador dos baritonos; Fernando José da Silva Neves, ensaiador dos 1.os tenores e Fernando Sanches de Miranda, membro da direcção

— Satisfará plenamente — foi a sua resposta.

— E vai vêr como Lisboa saberá cobrir de aplausos o esforço inteligente do nosso Antonio Joyce. A recita da estreia no Coliseu é já hoje, e o orfeon está magnifico: afino, volume de todas as vozes, aprumo e galhardia. Optimo. Não desmerece em nada do côro que em Paris, em 1910, alcançou um exito sem par. Quanto á viagem a França que vamos fazer, agora, escusado é dizer que se mostra cheia de auspicios, os melhores. A Sorbonne e a colonia portuguesa em Paris, receber-nos-hão com a mais viva anciedade.

A LIGA DOS COMBATENTES

As mães e as viuvas dos soldados mortos na guerra encontram-se na maior miseria

A Liga dos Combatentes da Grande Guerra congrega no seu seio as melhores figuras do nosso Exercito e da nossa Armada que, de 1915 a 1919, se bateram em Africa, em França e no mar.

Ao chefe do governo, aos ministros do Interior, da Guerra, da Marinha, da Instrução e da Agricultura e aos parlamentares combatentes dirigiu o presidente da Liga, o ilustre coronel sr. Mardel Ferreira, heroico combatente da Flandres, a seguinte mensagem:

«A V. Ex.as, todos nossos estimados e muito ilustres companheiros dos campos de batalha, a Liga dos Combatentes da Grande Guerra, se dirige na realização dos seus intuitos morais e, porventura, na efectivação do mais nobre objectivo desta Colectividade.

O nosso programa é destinado a exaltar o esforço de cooperação militar de Portugal, intervindo militarmente em França, e em Africa; esta consagração procuramos realisá-la prestando as homenagens do nosso maximo Respeito pelas memorias dos Maiores Sacrificados, aquelas Familias têm o subsidio maximo de deram as suas vidas pela Grandeza e pela eternidade da Patria; esta justa Glorificação dos Mortos exige que cuidemos dos seus entes mais queridos, aqueles que constituiam a Familia de que eram amparo e apoio; os testemunhos imperativos do necessario reconhecimento nacional impõe que as Mães, as Viuvas e os Orfãos — esses Sublimes Orfãos de Guerra, Filhos da Patria — continuem a ser eficazmente amparados, dando-se-lhes os meios de subsistencia, que em si levam forte acção moral, como gratidão merecida.

Actualmente pelo artigo 18.º da Lei n.º 1.355 de 15 de Setembro de 1922, aquelas Familias, têm o subsidio maximo de 300$00. As Familias desses herois mortos estão em condições especiais. Sabemos as circunstancias dificeis do Tesouro Publico, mas aquelas sacrificadas, que sofrem, a maior Dôr, não devem, não é justo — é certamente deshumano — que sofram mais do que todos nós a cruel situação dum deficiente subsidio.

O Estado, pelas disposições legais, que regulam a pensões de sangue tomou o compromisso duma pensão igual ao soldo do oficial morto. Atendendo ás dificuldades do Estado, pedimos que, para as Familias dos combatentes — e só para estas — seja destinado o soldo minimo do posto de alferes multiplicado sempre pelo multiplicador da carestia da vida adoptado, que estiver estabelecido para os oficiais.

Ainda solicitamos que a reversão seja estabelecida em bases equitativas, obstando-se a factos lamentaveis que estão ocorrendo.

A V. Ex.as vimos solicitar a sua boa vontade e enternecida influencia para que acabe o espectaculo tão doloroso das Senhoras Viuvas e Mães dos nossos gloriosos camaradas, andarem mendigando como favor o que a Patria lhes deve — uma situação decente».

No Salão Olimpia

Uma grandiosa festa em honra da aviação portuguesa

No elegante Salão Olimpia realisa-se depois de ámanhã uma brilhante festa em honra dos aviadores portugueses Brito Pais e Sarmento de Beires, a que assistirão representantes de toda a nossa oficialidade, autoridades civis e corpo diplomatico. Nesse mesmo dia será inaugurado o bufete do salão, dotado de todos os confortos modernos, com um jantar reclame, para o qual foram convidadas todas as pessoas de representação dos principais meios de Lisboa.

A «soirée» animatografica dedicada á aviação principia ás 21 horas e deve ser honrada com a presença do Chefe do Estado.

A Portugal, Ld.ª CALÇA MEIO MUNDO

A Cidade

COLLARES BURJACAS

A FESTA DO NOSSO JORNAL

A recita

do S. Luiz

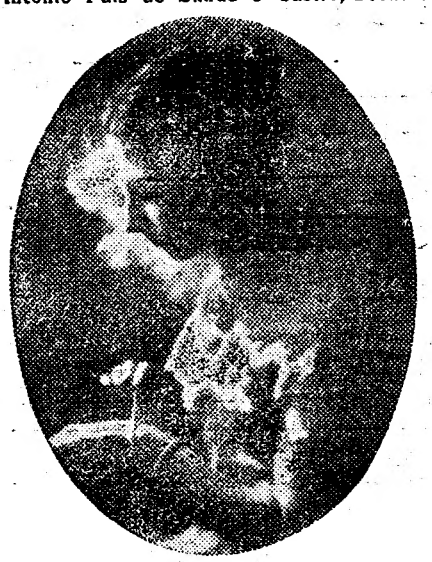
na noite de 9

vai constituir

uma linda festa mundana

O *Diario de Lisboa* realiza no proximo dia 9, com o concurso das senhoras mais ilustres da nossa sociedade, uma festa no teatro S. Luis e cuja receita se destina a auxiliar o *raid* Lisboa Macau, empreendido pelos nossos audaciosos aviadores Brito Pais e Sarmento Beires e a proteger as duas gemeas. Mercedes e Maria Olinda.

A comissão da festa, que é composta dos srs. dr. Ricardo Jorge, filho; Alvaro de Andrade, chefe da redacção do *Diario de Lisboa;* Antonio Pais de Sande e Castro, Barão de Ortega, Carlos Brandão e Carlos de Vasconcelos e Sa, organizou um interessantissimo programa, que tem um acentuado cunho artistico.



Baroneza de Hortega

uma das principais interpretes da zarzuela «El Pobre Valbuena»

Representar-se-ha nesse dia *El Pobre Valbuena,* chistosa e alegre zarzuela, desempenhando os principais papeis as ilustres senhoras baronesa de Ortega, D. Eulalia Sélles de Sande e Castro e os srs. Antonio Pais de Sande e Castro, barão de Ortega e Antonio Tovar de Lemos.

Um dos grandes atrativos desta recita patriotica e de caridade está na reaparição da sr.ª D. Margarida Cambon Brandão, notavel artista que ha anos conquistou Lisboa sob o gentilissimo nome de Conchita Ulia.

A sr.ª D. Margarida Brandão, só como homenagem á aviação portuguesa, acedeu a entrar na recita, evocando os seus esplendores artisticos, que encantaram e deslumbraram o publico elegante e culto de Lisboa.

A festa será completada com uma linda peça dos irmãos Quintero. A parte musical está subordinada á direcção do sr. dr. Isidoro Aranha.

Não exageramos, dizendo que a recita que o *Diario de Lisboa* promove para tão alevantados fins, está despertando verdadeiro entusiasmo, tanto na nossa sociedade elegante, como no meio artistico, sendo imensos os pedidos de bilhetes que nos têm sido feitos.

Antonio Maria da Silva

Recebemos hoje a visita honrosa do sr. Antonio Maria da Silva, antigo presidente do ministerio e ilustre homem publico. Veio agradecer, gentilmente, ao «Diario de Lisboa» as palavras merecidas que lhe dedicou no dia do seu aniversario natalicio.

O «Diario de Lisboa» agradece a gentileza do distinto parlamentar.

AS COLONIAS

Cunha Leal

DIZ-NOS

quais foram os motivos

porque não aceitou

o cargo de Alto Comissario em Angola

CUNHA LEAL

Cais do Sodré, na estação da linha do Estoril. Sai uma serpente compacta de gentes, que nem os alarmes revolucionarios impedirem de vir a Lisboa por amor dos necessarios afazeres. O *reporter* destrinça, na mole, a personalidade do sr. Cunha Leal. Nos braços, alvejam ligaduras, como no 19 de Outubro. Ha uma diferença: é que, desta vez, o *leader* nacionalista não foi atropelado por uma revolução mais sim por uma bicicleta. Do mal o menos...

* * *

Interrogámo-lo:

—É verdade ter sido convidado para assumir o Alto Comissariado de Angola?

Monossilabicamente:

—É.

—E aceita?

—Não.

—Mas porquê?

—Compreende que, uma pessoa nas minhas condições, não podia aceitar esse convite. Os que me conhecem bem, logo viram que isso era impossivel. Os outros, os que não me conhecem, que pensem do caso o que quizerem. Não podia aceitar. Eu, menos que ninguem...

—Porém, em relação ao problema de Angola, agora que o sr. Norton de Matos teve de o abandonar, o que pensa? Julga que o sucessor do ex-Alto Comissario o possa resolver?

—Será um trabalho muito dificil—dificilimo. Ha, primeiro que tudo, para quem lá vá, o trabalho ingrato de abater o edificio de papelão erguido pelo sr. Norton de Matos. Depois, organizar um plano de fomento compativel com os recursos da colonia. E, acima de tudo...

—?

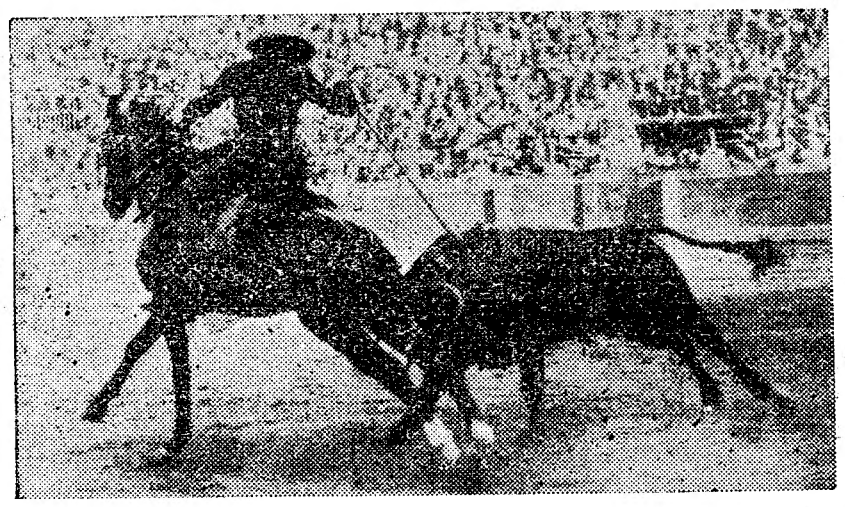
—Liquidar a situação deixada pelo actual embaixador em Londres. Tarefa tão complicada, essa, que só uma comissão liquidataria poderá com ela. O Alto Comissario ou Governador que a tentasse, sossobraria ante o clamor dos interesses feridos...

—De forma que a sua posição.

—É de observação, de observação apenas. Como republicano e patriota, continuarei, atravez todas as más vontades e suspeitas criticas, a desempenhar serenamente o meu dever. E tenho a impressão de que Angola, pelo menos, alguma coisa ganhou em meio de tudo isto...

TAUROMAQUIA

D. Antonio Cañero em Lisboa



A fotografia que publicamos é de D. Antonio Cañero cravando um rojão com a indispensavel inclinação, porque representa um equivoco total supor-se que se pode matar colocando o rojão de alto a baixo o que seria, tal como numa estocada, defeituoso de colocação e insuficiente de efeitos. Pela situação do touro relativamente ás patas do cavalo se conclue o valor real da fotografia que, aparentemente, seria mais espectaculosa se o fotografo focasse com um pequeno desvio benefico.

O insofismavel do valor de D. Antonio Cañero está nos incessantes triunfos que a sua arte pessoalissima dispertam por todas as praças e ultimamente na feira de Cordova, a mesquita do toureio, e a anciedade com que publicos e empresas disputam o moderno fenomeno que dificilmente poude dispor das datas de 8 e 10 de Junho para se mostrar aos portugueses.

Pelos teatros

O verão no Trindade

Começaram ontem os ensaios da companhia dramatica que vai fazer o verão no Trindade, á frente da qual figuram Alves da Cunha e Berta de Bivar e da qual são primeiros elementos Carlos Santos, que tem a seu cargo a direcção de scena e os ensaios; Henrique Alves, Maria Pinto, Palmira Torres, Maria Izabel, Lino Ribeiro, Mario Pedro, Alda Verdial, Jorge Grove e, para complemento dos conjuntos, Leonilde Pereira, Carlota Sande, Elisa Matos, Maria Helena, Alves da Costa, Matos, etc.

A inauguração da epoca far-se-ha com a peça «O papá Lebonard», cujo protagonista Alves da Cunha vai interpretar pela primeira vez, tendo o principal papel feminino desempenhado por Berta de Bivar e devendo a recita inicial ter logar no dia 14 do corrente.

"Depois de mim..."

E' sexta-feira, 6, que em S. Carlos, em recita do actor emprezario Erico Braga se realiza a primeira representação da peça «Depois de mim...» (Après moi) de Bernstein, em que Lucilia tem um grande papel ao lado de seu marido.

As «toilettes» de Lucilia Simões, vindas de Paris por intermedio de Madame Castro Pereira, são os ultimos modelos da Casa Druot. Os scenarios são de um efeito surpreendente presidindo o maior escrupulo na sua apresentação por parte dos scenografos Campos & Oliveira e Luz e Almeida.

Duas noticias

Palmira Bastos, segundo consta, entrará ainda esta temporada, na representação da peça «O leque», de Fleurs et Caillavet, ao lado de Lucilia Simões, em S. Carlos, para o que entrou já em entendimentos com o actor emprezario Erico Braga. Tambem se diz que Auzenda de Oliveira desempenhará no mesmo teatro a protagonista da peça «A Logartixa».

«A canção heroica»

E' hoje que, no Eden-Teatro, na revista «Fruto proibido», se estreia «A canção heroica», composição musical do maestro Ruy Coelho, letra de Cardoso Santos, dedicada aos aviadores Brito Pais e Sarmento de Beires, que será cantada pela actriz-cantora Adelina Fernandes, figura de destaque da companhia Otelo de Carvalho.

Atrás do reposteiro

Foi adiada para o proximo sabado a festa artistica da actriz Jesuina de Chaby, que se efectua com a «reprise» da comedia de Molière «O medico á força», em que seu marido, o actor Chaby Pinheiro, tem uma criação no protagonista.

—Os ensaios da peça «Guerra em tempo de paz», com que se inaugura a epoca de verão no Politeama, estão sendo dirigidos por Augusto Pina, organisador e director artistico da companhia que ali vai trabalhar. Os scenarios, todos novos, são dos artistas Campos & Oliveira.

—O actor José Ricardo, cujas melhoras se acentuam, vai passar alguns dias na sua casa de Cintra, seguindo para o Brazil em meados de agosto, a fim de representar no Rio de Janeiro, com a companhia Alves da Cunha-Berta de Bivar, as peças «O centenario» e «O meu homem».

—Começaram no S. Luiz os ensaios da revista «Vida Nova», de Alberto Barbosa, Xavier de Magalhães e Lourenço Rodrigues, destinada ao verão naquele teatro.

—Sobe depois de ámanhã á scena no Apolo, em «reprise», a celebre comedia de Gervasio Lobato «O comissario de policia», iniciando a companhia Maria Matos-Mendonça de Carvalho o seu repertorio de comedias e farças. Nessa noite, reaparece ao publico, no papel de «Pigmaleão Sereno», interpretado pelo falecido Vale do Gimnasio, o actor Silvestre Alegrim, desempenhando Maria Matos o de «D. Maria Francisca Xavier Soares»; Antonio Gomes o de «Conselheiro» e Artur Rodrigues, pela primeira vez, o de o «Escrivão».

—Foram entregues á companhia Rey Colaço-Robles Monteiro dois novos trabalhos teatrais do ilustre dramaturgo Bento Mantua intitulados «Nertada» e «Quando manda o coração».

O escandalo do imposto

Procurou-nos o sr. Castelo Branco, proprietario do escritorio da rua dos Douradores a que ontem aludimos na noticia sobre o escandalo da cobrança do imposto de transacção, para nos dizer que, nunca teve intervenção em serviços oficiais do aludido imposto e que no seu escritorio não se tratam assuntos de contribuições. O sr. Castelo Branco atribue as noticias propaladas a seu respeito a intuitos de difamação, tanto mais que já por esse motivo se viu forçado a processar um individuo. As propriedades que possuiu foram—acrescentou—adquiridas antes de ser funcionario publico, o que prova com documentos.

A VIDA REAL
transportada ao «écran» cinematografico

E' uma verdade averiguada que o celuloide impressionado é o melhor reprodutor da **Vida real**, Prova-o hoje o aristocratico Cinema Condes apresentando um dos maiores sucessos dramaticos da actualidade: a maravilhosa obra prima de

GLADYS WALTON

intitulada

Flôr cahida

parafrase e dramatisação duma conhecida canção sentimental. E' uma autentica joia da cinematografia americana que emparceira dignamente com

TUMULO INDIO

a maravilha actual do «écran» privilegiado e elegante do

Cinema Condes

ue ainda exibe **Pafuncio sonambulo** e **Jornal do condes 217**.

C...

S. CARLOS Telef. C. 3063

Sexta-feira — Festa artistica de ERICO BRAGA «Premiere» da peça de Bernstein,

Depois de mim...

interpretando os principais papeis LUCILIA SIMÕES e o festejado BILHETES Á VENDA

Teatro APOLO

Empresa Ruas, Ltd. Tel. N. 4129

HOJE, ás 21,15 — Penultima representação da peça em 4 actos e 1 quadro

AS PUPILAS DO SR. REITOR

O teatro mais barato de Lisboa

Quinta-feira, 5 «O Comissario de Policia»

Eden Teatro Telef. N. 3.800

HOJE, pela Comp.ª OTELO DE CARVALHO Estreia da «Canção heroica» letra de Cardoso dos Santos, musica de Ruy Coelho, desempenhada por Adelina Fernandes e dedicada aos bravos aviadores Brito Pais e Sarmento Beires

A famosa revista

FRUTO PROIBIDO

Frisas e cam., 35$ e 40$, «fauteuils» de orques. 12$ e 10$, cad. 7$, geral, 2$ e «promenoir», 1$50

TEATRO AVENIDA

Tel. N. 4356 COMP. CREMILDA-CHABY

HOJE, ás 21,30 — Formidavel sucesso de gargalhada. Exito de graça e situações comicas

O AMIGO DE PENICHE

Sexta-feira, 6: Recita da actriz JESUINA DE CHABY — Rep. unica da comedia de Molière

O MEDICO A FORÇA

AVENIDA PARQUE

(Antigo Parque Mayer)

TODAS AS NOITES

Grandioso CONCERTO pela orquestra excentrica JAZZ-BAND dirigida pelo professor Milá

Profusa iluminação — O local mais aprasivel de Lisboa — Magnificos serviços de «Bar e Restaurant»

Numerosos recreios e diversões

DR. ARBUES MOREIRA

CLINICA MEDICA

DOENÇAS PULMONARES

CONSULTAS AS 4 HORAS

AVENIDA DA LIBERDADE, 77, 1.º

Gray

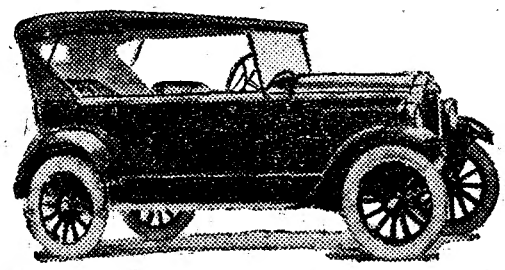
Record dos automoveis ligeiros

H. P. 16120—regime de 1400 rev. p. minuto

Magneto BOSCH

Consumo 9 litros aos 100 K.

Partida e iluminação electricas



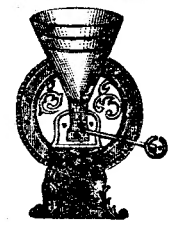
AMERICA HALL, L.DA

37-A, R. da Est. Polv.ca, 37-B

LISBOA

Preço actual despachado Es. 33.000$00

ANTIGA CASA ENCARNAÇÃO



SUCESSOR: M. V. DA FONSECA

Balanças, pesos e medidas. Cofres, fogões, moinhos e torradores. Prensas de copiar e acessorios. Louça esmaltada, máquinas de picar e outras, etc.

25, 27, R. da Victoria, 29, 31 — R. dos Correeiros, 74 a 96

Telefone 3:061 — Encarnação ◇◇◇ LISBOA

N. B. — Não confundir a verdadeira e antiga casa Encarnação, de existencia secular, com outras da mesma industria, que dizem ser a mesma casa

---

CONFORTAVEIS

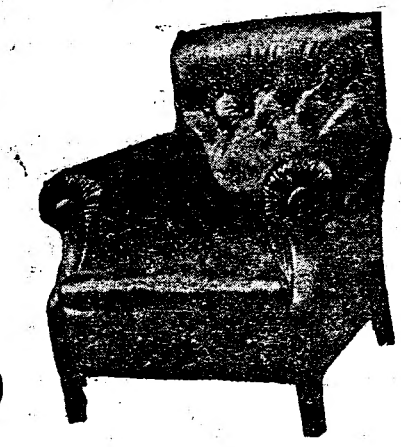
GENERO «MAPPLE» FORRADO DE PELLE, ETC.

MOBILIAS

GRANDE SORTIMENTO DE

CARPETES

A PREÇOS BARATISSIMOS



JOSÉ OLAIO & C.A (FILHO)

RUA DA ATALAIA 36 a 40 — (Predio todo)

TEL. C. 3082

FONSECAS, SANTOS & VIANA

BANQUEIROS

Estabelecidos em 1861

RUA DO COMERCIO, 116 a 132

Telegramas: SANVISE-LISBOA

PAPELARIA VIUVA MARQUES

TELEFONE C. 2676

LIVROS COMERCIAIS PARA ESCRITURAÇAO

Artigos de escritorio — Material para desenhadores

PREÇOS MODICOS

34 a 38, RUA DO OURO, 34 a 38

— LISBOA —

UROQUINOL

Poderoso dissolvente do

Acido Urico

INDICADO no

Artritismo

REUMATISMO — GOTA — OBESIDADE

Colicas Nefriticas e Hepaticas

Instituto Pasteur de Lisboa

LISBOA: Rua Nova do Almada, 69

PORTO: Rua dos Clerigos, 36

PINTO & SOTTO MAYOR

BANQUEIROS

LISBOA: RUA DO OURO, 18, 24

PORTO: PAÇA DA LIBERDADE, 28, 29

REPRESENTANTES EM PORTUGAL DO

BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL

Operações financeiras — Fundos publicos nacionais e estrangeiros

---

DOENÇAS NERVOSAS

Gabinete hidroterapico — C. do Duque, 20

C. da Gloria, 15 — T. N. 4457

Director

Dr. J. Silvestre d'Almeida

Duas salas de douches independentes para homens e senhoras. Banhos de vapor. Massagens higienicas. Electroterapia.

Aberto das 8 ás 13 horas.

Consultas das 10 ás 12 horas

STORES DE MADEIRA

RUA DO SECULO 140

Antero Sergio Ribeiro Manso

FALECEU

Lucelinda Ribeiro Manso, seu marido Antonio Lopes Manso e filhos, Maria Alves Pires dos Santos Ribeiro, Maria do Rosario Manso (ausente), D. Cecilia Ribeiro d'Oliveira Leite e seu marido Dr. Avelino Augusto d'Oliveira Leite (ausentes) participam a todos os seus parentes e pessoas de suas relações o fallecimento do seu chorado filho, enteado, irmão, neto e sobrinho, Antero Sergio Ribeiro Manso, e que o seu funeral se realisa no dia 4 do corrente, pelas 4 horas da tarde, sahindo o prestito funebre de sua casa, Rua Barata Salgueiro, 56, r/c., Esq.º, para o cemiterio oriental (S. João).

Trata a Agencia Rodrigues

Rua das Pedras Negras, 15

Tel. 1044 C.

Reis & Sá, L.da
CHANGEURS • CAMBISTAS • CHANGERS
Compra e venda de moedas estrangeiras — «Coupons», papeis de credito e **ordens de bolsa**
RUA AUREA, 152 ..... LISBOA

ESTRANGEIRO

Dr. Armando Narciso
Medico do Hospital de Santa Marta
Consultorio—Travessa Nova de S. Domingos, 9, 1.º (á Rua do Amparo)
Residencia—Rua Nogueira e Sousa, 17, 2.º (ao Luciano Cordeiro

DE FRANÇA

VAI

resignar

o mandato

o presidente

Millerand?

PARIS, 3

Os grupos radical, social sta, republicano-socialista e socialista independente, reuniram no palacio Bourbon para determinar a sua atitude sobre a questão da presidencia da Republica, que deve ser apreciada hoje á tarde na reunião plenaria das esquerdas.

Esses grupos votaram a exclusão do sr. Millerand da presidencia da Republica.

Realizou-se no palacio Orsay a reunião plenaria do quartel das esquerdas sob a presidencia do sr. Herriot, tendo sido aclamada a candidatura do sr. Painlevé para a presidencia da Camara.

A moção de exclusão votada contra o sr. Millerand pelo grupo radical socialista foi adoptada por mãos levantadas.

Herriot

e a chamada defesa do franco

Hoje, a esquerda democratica do Senado reunirá para apreciar a situação politica. A Camara dos Deputados abriu a sua sessão inaugural sob a presidencia do senhor Pinard decano da Camara que leu uma alocução.

Alguns jornais dizem que o senhor Herriot tinha criticado o governo do sr. Poincaré por motivo da situação financeira. O sr. Herriot desmentiu essas afirmações dizendo que não tinha formulado quaisquer critica ácerca da maneira como se tinha feito a defesa do franco e o auxilio prestado pelos banqueiros americanos. — (R.)

A França

foi batida pelo Uruguay...

PARIS, 3

O grupo de foot-ball do Uruguay derrotou a França por 3 goals contra 1.

A Suecia derrotou o Egito por 5 contra 0. — (R.)

D'Oisy

chegou a Peitaigo

PARIS, 3

Pelletier d'Oisy chegou a Peitago vindo de Pekin e tendo partido já de aí em direcção a Moukden. — (R.)

FATOS E SOBRETUDOS

Rigor da moda, a pagamentos. Rua da Escola Politecnica, 35, 2.º.

O CALOR

Evitem os desagradaveis efeitos de uma transpiração excessiva e os sofrimentos dos pés tão dolorosos nesta estação, usando os conhecidos Sais «Dermoxa».

A' venda em todas as farmacias, drogarias. Dep. M. Brandão, Rua Eugenio dos Santos, 99—Lisboa.

N. B.—Exijam os verdadeiros saes «Dermoxa» e recusem as imitações que em substituição lhes queiram vender e que na sua maioria não têm nenhum valor curativo.

UM CASO MISTERIOSO

As creanças

que desapareceram de Madrid

onde estão? quem as raptou? para quê?

A policia de Madrid não encontra, por mais que porfie, as pequenitas desaparecidas da rua Hilarion Eslava. O misterio mantem-se. Mais: toma sempre novos aspectos de intriga a cada pista que se segue e tem logo de abandonar-se, a cada prisão que se realiza para averiguações e logo tem de reconhecer-se como absolutamente inutil.

Neste momento as hipoteses em que mais se confia são as seguintes: As três crianças, tendo saido para fazer quaisquer compras numa mercearia do bairro, teriam gasto o dinheiro nos balouços de recreio que estão instalados numa «verbena» proxima. Ha quem afirme que as viu ali a divertirem-se. Durante a brincadeira, uma delas perdeu um brinco que não tornou a encontrar. Sem dinheiro e brinco, a pequena receiou tornar para casa, crente de que a mãe a castigaria, e fugiu para parte incerta com as companheiras. Mas para onde? Porque não terão aparecido mais? Quem foi que as recolheu e as mantem sequestradas? O empregado dos tais balouços afirma que, quando as petizas procuravam o brinco, se aproximou delas um homem de aparencia decente que se ofereceu para lhes comprar outro, e que, depois, se afastou dali com as pequenas. Quem era este misterioso personagem? Com que fim teria raptado as raparigas, se é que as raptou?

* * *

A outra hipotese gira em volta de uma vingança. Ha pouco tempo ainda a mãe de uma das pequenitas teve uma questão com uma outra mulher sua conhecida, questão que deu grande escandalo no bairro e teve de ser liquidada no tribunal. Essa mulher tem uma filha casada com um «chauffeur». Ora, no dia seguinte áquele em que as crianças desapareceram, alguem viu, de madrugada, que um automovel marchava a toda a velocidade, saindo de Madrid, com um homem, uma mulher e três meninas, cujos trajes não condiziam com o luxo do carro. Seriam elas? Seria o genro da mulher despeitada o «chauffeur» do automovel misterioso? Teria ele raptado as crianças para se vingar da mãe com quem andava de rixa? A criatura jura que não; que é incapaz de vingar num inocente o mal que outros lhe fizeram; mas a policia não se convenceu ainda da sua sinceridade, e lá anda em busca de provas.

Não falta, ainda, quem creia que as raparigas foram roubadas por uma quadrilha de hungaros que ha dias acampou por aqueles sitios; como não falta quem se diga convencido de que foram os saltimbancos quem as roubou.

Ao mesmo tempo, o caso tem um lado comico, como todas as coisas tragicas. Desde que as pequenas desapareceram, têm sido presos em Madrid quantos individuos eram conhecidos como amigos das crianças. Homem que um dia se acercou duma petiza pobre para a acarinhar, já sabe que tem agora de haver-se com os interrogatorios apertadissimos das autoridades e com o incomodo dos calabouços, até explicar porque é que estima os pequeninos e porque é que o interessa a sorte dos desprotegidos.

Se fôsse em Lisboa, nesta maré da pedincha para o Santo Antonio, quando a gente se vê doido, por essas ruas, com a criançada que mendiga tostões para o milagreiro, já estavamos todos a ferros...

— GUY D'OLIVEIRA —
ANALISES CLINICAS
Com pratica nos laboratorios dirigidos pelo *Prof. Dr. Ayres Kopke*
Urina, sangue, pús, expectoração, Wassermann
Ás classes menos abastadas e doentes de policlinica, preços especiaes
R. Garrett, 74-1.º Telef. C. 4186

Policlinica do Intendente
Almirante Reis, 27, 2.º
Telefone N.º 2989-N.

Dr. Abel Alves—Ouvidos, nariz e garganta, ás 13
Dr. Almeida Dias—Doenças nervosas e mentais Electroterapia, ás 13.
Dr. Anastacio Gonçalves—Doenças dos olhos, ás 15.
Dr. Antonio Martins—Doenças das senhoras, ás 16.
Dr. Armando Formigal Luzes—Rins e vias urinarias, ás 11.
Dr. Artur Pacheco—Doenças da pele, ás 14.
Dr. Benard Guedes—Raios X, ás 16.
Dr. Carlos Fradique—Doenças das crianças, ás 14.
Dr. Fernando Fonseca—Medicina geral, sifilis ás 15.
Dr. Fórmigal Luzes—Maçagens, ginastica medica, banhos de luz, mecanoterapia, electroterapia (dia termia, alta frequencia, etc.) ás 14.
Dr. Mario Rosa—Clinica geral, estomago e intestinos, ás 14.
Dr. Pereira da Silva—Analises clinicas. Vacinas.
Dr. Pereira Varela—Doenças da boca e dos dentes, ás 10.
Dr. Vasco de Lacerda—Clinica medica, coração e pulmões, ás 13.
Dr. Vasco Palmeirim—Cirurgia geral e operações, ás 16.

MOBILIAS
COMPRAI SÓ NA
T. de S. Mamede, 60, 60-A (á Politecnica)

"SANTINITINE"
O MELHOR DE TODOS OS LICORES
DEPOSITO GERAL
70, 2.º— RUA AUGUSTA —70, 2.º
TELEF. C. 1196

Gama
GRANDE VARIEDADE DE BILHETES, FRACÇÕES E CAUTELAS
para todas as
LOTERIAS
Fornece para revender
PREÇOS CORRENTES
—Pelo correio mais $20 para registo—
TELEFONE NORTE 4020
Pedidos a
F. SILVA GAMA
R. do Amparo, 51—LISBOA

CAMINHOS DE FERRO DO ESTADO

Éditos de 30 dias

Pela Direcção dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste correm éditos de 30 dias, nos termos da Carta de Lei de 24 de Agosto de 1848 e Decreto de 5 de Dezembro de 1910, a contar da ultima publicação deste anuucio no Diario do Governo, citando todas as pessoas incertas que se julguem com direito ao todo ou a parte da quantia 201$67 (duzentos e um escudo e sessenta e sete centavos), relativa á liquidação das contas deixadas pelo carregador Bernardo Luiz falecido em 21 de Novembro de 1923 e a cuja quantia se habilitou, Maria Filar, viuva, por si e como tutora de seus filhos menores, Maria José, Joaquim e Alzira.

Lisboa e Direcção dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, aos 27 de Maio de 1924.

O Chefe da Secretaria— *Jaime Rocha.*

DE VIENA

FOI

Javorick

quem tentou

assassinar

o chanceler

VIENA, 3

Tem-se dado alguns conflitos nesta cidade por motivo do atentado contra o chanceler Seipel, tendo sido agredidos nas ruas muitos judeus. Nos bairros judaicos foram assaltados os cafés e os estabelecimentos, tendo-se dado a intervenção da policia que conseguiu restabelecer a ordem. Fizeram-se varias manifestações contra os judeus e contra os comunistas a quem se atribuem as responsabilidades do atentado.

Javorick, o autor do atentado contra o chanceler Seipel, deixou uma carta a sua mulher em que dizia que estava cansado da existencia e portanto disposto a morrer, mas que havia de arrastar com ele um representante das classes capitalistas ou do poder, responsaveis pelas desgraças dos trabalhadores e dos pobres. Antes de desmaiar na estação em que se deu o atentado, Javorick declarou que tinha atentado contra a vida do chanceler Seipel porque ele premeditava a destruição do operariado.

O criminoso recusou-se a tomar qualquer alimento até que lhe disseram que o sr. Seipel estava livre de perigo, mostrando-se cheio de remorsos pelo seu acto. Não ha esperanças de salvar Javorick. Os medicos dizem que o chanceler Seipel está muito melhor. O presidente Ebert e o chanceler Marx da Alemanha, enviaram telegramas afectuosos.—(R.)

A atitude

do chanceler de Seipel

VIENA, 3

Tem sido muito apreciada a coragem e a firmesa de Seipel perante o atentado de que foi vitima.

Milhares de visitantes têm ido interessar-se pelo seu estado, tendo sido recebidos, no hospital, centenas de «bouquets» de flores.

O chanceler, quando foi ferido, gritou á multidão que não fizesse mal ao seu agressor. Esta sua atitude concitou-lhe uma admiração unanime.—(R.)

O plano

é conhecido da policia

BUDAPEST, 3

A policia já conhece todos os detalhes ácêrca da tentativa de assassinato contra o sr. Seipel.

O atentado foi planeado por um tecelão de ideias avançadas, filiado, segundo parece, num grupo de anarquistas que ha tempo atentou contra a vida do regente da Hungria. Por este motivo, a policia desta cidade e a policia de Viena têm estado em constante comunicação.—(R.)

Não se paga Luxo
joias com Bons Brilhantes em 2.ª mão
Ouro e Prata a Peso
Preços limitadissimos, não se recusando o confronto de preços com os de outras casas congéneres.
David C. Costa
RUA DA PALMA, 18

CAMBIO DO DIA

	COMPRA	VENDA
Londres, cheque	151$50	152$50
Paris	1$78	=
Madrid	4$73	=
New-York	34$90	=

ULTIMAS NOTICIAS

CAMBIO DO DIA

	COMPRA	VENDA
Italia	1$50	=
Suiça	6$12	=
Brasil	3$73	—
Libra esterlina	167$00	171$00

O CASO DO DIA

O campo da Amadora

está em pé de guerra

e os aviadores declaram que se não rendem

Como se verifica pela nossa reportagem, na Amadora está tudo preparado para o caso de o governo querer obrigar os aviadores a renderem-se pela força. Foram tomadas todas as providencias, correndo insistentemente o boato de que outras unidades iriam juntar-se-lhes durante o dia.

A' meia noite, as forças da Amadora tomaram posições, obedecendo a um plano de defesa previamente estudado. Mas só ás 5 e meia da manhã é que foram distribuidas munições para as espingardas, metralhadoras e aeroplanos.

De madrugada, chegaram ao campo o capitão Lelo Portela e o tenente Valente, que se conservaram algumas horas junto dos seus camaradas.

* * *

A's 6 horas da manhã, regressaram á Amadora os capitães Ribeiro da Fonseca e Luís da Cunha e Almeida, que tinham ido a Cintra com o coronel Morais Sarmento.

Este oficial seguiu directamente para Lisboa, visto terem falhado as «démarches» que foi tentar para uma conciliação, junto do capitão Moura, comandante da Escola de Cintra. A essa hora, na estrada de Bemfica, um automovel e uma «side-car» vinham a toda a velocidade em direcção a Lisboa: no automovel viajava, sósinho, o coronel Morais Sarmento e na «side-car» os redactores do *Diario de Lisboa*.

* * *

O comandante Castro e Silva proibiu expressamente a entrada no campo ao elemento civil.

Por esse motivo, os operarios que ali fazem serviço não puderam hoje trabalhar.

* * *

Dali a pouco, chegava ao Grupo de Esquadrilhas «Republica» um automovel, do qual se apearam o general Roberto Baptista, comandante da 1.ª divisão, e o tenente-coronel Maia Magalhães, chefe do Estado Maior.

Reunem-se os dois num gabinete, em conferencia, com o major Cifka Duarte e o capitão Lelo Portela. Pouco depois regressavam a Lisboa, constando-nos que as suas «démarches» resultaram tambem infrutiferas.

* * *

Alguns sargentos mecanicos, segundo consta, sairam do Campo no proposito de se conservarem alheios ao conflito.

"A obediencia das tropas da guarnição aos seus superiores hierarquicos e ao governo é absolutamente segura"

diz o chefe do governo

O sr. ministro da Guerra não compareceu. Veiu por ele o sr. dr. Alvaro de Castro, dar conta do que se passou e passa com a Aviação Militar.

O chefe do governo contou o que o *Diario de Lisboa* relata hoje aos seus leitores, conduzindo o seu discurso no sentido de fazer prova de que ao sr. ministro da Guerra e aos restantes membros do governo, só os preocupa neste momento e neste pleito a disciplina militar.

Em resumo: os oficiais aviadores fizeram ontem de tarde diligencias varias junto de algumas unidades da guarnição para as conduzirem á pratica de uma insubordinação. A' noite transmitiram, da Amadora, um telegrama em que punham o seu criterio de rebeldia. Foi ao seu encontro o sr. Moraes Sarmento, a parlamentar, servindo-se de todos os meios suasorios, e respondeu-se que quaisquer que fossem as consequencias, não acatariam o decreto que demitiu o sr. Cifka Duarte. «Démarche» identica fez mais tarde o sr. comandante da Divisão e a resposta foi a mesma. Até que, constatada a rebelião, o governo tomou todas as providencias para os «meter na ordem» por todos os meios ao seu alcance. Como? Intimando-os a apresentar-se imediatamente no quartel general, e mandando cercar o Campo de Esquadrilhas da Amadora, para os reduzir pela força.

Acrescentou o sr. Alvaro de Castro que, por emquanto não sabia o resultado que tal medida poderia dar, mas que era absolutamente segura a obediencia das tropas da guarnição aos seus superiores hierarquicos e ao governo.

— O governo — disse — garante a v. ex.as que tem meios bastantes para reduzir á obediencia os oficiais que dela se afastaram.

A Camara ouviu as declarações do chefe do governo sem se manifestar, nem pró nem contra. Ambiente frio de Camara funeraria.

O sr. Antonio Maia falou depois:

— Os oficiais aviadores revoltaram-se contra a dictadura, estão a postos para defesa da Constituição. Acima de tudo; acima de todas as nossas conveniencias politicas, terá que se colocar a Constituição da Republica. E' um dever que se impõe, sobretudo, a todo o oficial que se preze da sua farda. O que o governo espera, não se dará; mas as consequencias, quaisquer que elas sejam, hão de caber-lhe a ele e hão de caber á Camara.

Muitas vozes a emendar:

— A' Camara, não! A' maioria! A' maioria, apoio de um governo que nada tem feito!

Da maioria ninguem se manifesta, e o orador tem a fechar, esta frase que desafia clamorosos aplausos:

— Com os aviadores, estão os republicanos sinceros; contra eles, estão os anti-republicanos.

Passou-se a outros assuntos. Os funcionarios telegrafo-postais — vendo-se entre eles muitas senhoras — encheram por completo as galerias, e estão á espera de que o seu caso ainda hoje seja tratado.

Na Amadora, receberam-se durante a noite e a manhã de hoje protestos de solidariedade de varias unidades e promessas de neutralidade da parte de outras, em caso de ataque.

Entre outros oficiais que ali estiveram, conta-se o major sr. Francisco Aragão, que tambem pertence á 5.ª arma.

* * *

O estado de espirito dos aviadores pode avaliar-se por este trecho de dialogo travado entre o coronel Morais Sarmento e o capitão Cunha e Almeida:

— Vejam bem o que fazem... Ha um certo ponto de onde nós não devemos passar... Tanto mais que os senhores estão sós...

— Julga v. ex.ª isso. Pois eu garanto-lhe o contrario. E ainda que estivessemos sós? Temos do nosso lado a razão e estamos dispostos a manter até ao fim a linha de conduta que a nossa dignidade nos traçou.

* * *

A's oito horas, um «Breguet» levantou vôo, pairou sobre a cidade durante algum tempo e regressou ao campo pouco depois.

* * *

Ao meio dia, o tenente-coronel Maia Magalhães esteve novamente no grupo de esquadrilhas *Republica*, conferenciando demoradamente com os aviadores.

Podemos, no entanto, garantir que o conflito se mantem no mesmo pé.

Sabemos que tanto o general sr. Roberto Baptista como o tenente-coronel sr. Maia Magalhães têm envidado os maiores esforços, no sentido de persuadir os aviadores a entregarem-se á prisão.

Conforme referimos noutro logar, em entrevista com o major sr. Americo Olavo, a solução do conflito foi entregue, por parte do ministro da Guerra, ao comandante da 1.ª divisão.

A's 4 horas da tarde, porêm, depois de uma conversa telefonica, travada entre o general Roberto Baptista e o major Cifka Duarte, podem considerar-se rotas as negociações entre os aviadores e a divisão.

No campo da Amadora, espera-se a todo o momento um ataque, por parte das tropas fieis ao governo. Todos os postos foram já reforçados, tendo-se tomado novas medidas de segurança.

A essa hora, levantou vôo para Cintra um aparelho, afim de comunicar o que se passava.

A questão assume, á hora em que escrevemos, o seu aspecto mais grave.

Estranhavel

Está causando certa surpresa, segundo nos dizem, a demora havida em iniciar a sindicancia ordenada, ha perto de um mês, ao director de finanças de Santarem em consequencia de uma interpelação do deputado sr. Antonio Correia.

Ha quem suponha que se estão movendo influencias para evitar a realização da sindicancia, o que é profundamente estranhavel.

As doenças em Lisboa e no Porto

Segundo o «Boletim de Sanidade Interna», na semana finda em 24 de maio, manifestaram-se em Lisboa 11 casos de difteria, 3 de febre tifoide, 1 de meningite, 2 de sarampo, 4 de tosse convulsa, e 4 de variola, e no Porto, 7 de febre tifoide, 1 de escarlatina, 2 de tosse convulsa e 4 de variola.

Cruzador «Republica»

Larga hoje á noite do Tejo, em comissão especial, o cruzador «Republica», levando o seu comandante carta de prego.

A greve dos correios

Os empregados superiores dos Correios e Telegrafos já hoje conseguiram autorisação do sr. governador civil para reunir na séde da sua Associação, para troca de impressões, o que até agora lhes não era permitido.

Conselho de ministros

O conselho de ministros desta noite realisa-se no Parlamento, visto estar marcada sessão na Camara dos Deputados e poder haver necessidade da comparencia de algum ministro.

CHRISTOFLE

Representantesem Lisboa:

CASA JOSÉ ALEXANDRE

8—18—Rua Garrett

SERVIÇOS DE METAL PRATEADO PARA HOTEIS, RESTAURANTS E CASAS PARTICULARES

OS TALHERES DE CHRISTOFLE SÃO OS DE MAIOR DURAÇÃO

TELEFONE CENTRAL 1143

A. CRUZ, LIMITADA

Produtos quimicos, especialidades farmaceuticas, instrumentos cirurgicos, material para laboratorios e analises.

RUA DA MADALENA, 29, 2.º—LISBOA

Um serão de arte

Organizado pela Associação da Imprensa

Está já definitivamente organizado o programa do serão de arte que a Associação da Imprensa realiza, depois de ámanhã, no teatro S. Luis, sob o alto patrocinio do sr. presidente da Republica.

A interessante festa abre com o episodio em 1 acto «Descantes da Beira», original de Avelino de Sousa, musica de Alves Coelho e desempenhado pela nova companhia «Canção Portuguesa», dirigida por Alves Coelho e pelo professor de indumentaria Castelo Branco.

Segue-se a «première», da opera «Rosas de todo o ano», do maestro Ruy Coelho, cantada por D. Alice Pancada e D. Fernanda Corte Real.

O espectaculo fecha com a apresentação do grande «Orfeon» da Sociedade Coral de Lisboa, da direcção do dr. Antonio Joyce, e formada pelos antigos orfonistas academicos.